

Resgate histórico da Rádio Difusora de Alagoas¹

José Wagner Ribeiro²

Ricardo José Oliveira Ferro³

Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Maceió, Alagoas

Resumo

Este artigo apresenta uma investigação histórica, descritiva e analítica da Rádio Difusora de Alagoas – primeira emissora oficial pública do Estado – e tem como base uma revisão bibliográfica e depoimentos de personagens que vivenciaram a construção da emissora; fornece um panorama sobre o contexto político e sociocultural da implantação e consolidação da mesma. A referida produção surgiu a partir da constatação da necessidade de sistematizar a trajetória das transmissões radiofônicas oficiais em terras caetés e está alinhada ao contexto das ações desenvolvidas pelo Projeto Pensacom-Brasil, vinculado à Cátedra UNESCO/Metodista, que busca identificar o pensamento comunicacional no país, e é capitaneado pelo professor José Marques de Melo. Esta pesquisa é um esboço do que virá a ser a publicação de um livro, onde abordaremos não só a Difusora, mas os Meios de Comunicação em Alagoas.

Palavras-chave: rádio difusora de alagoas; história; comunicação.

Os Primórdios da Rádio Difusora de Alagoas (AM 960 KHz)

O rádio passou, efetivamente, a fazer parte do dia a dia do povo alagoano, a partir de 16 de setembro de 1948. Graças à inauguração da Rádio Difusora de Alagoas pelo então governador Silvestre Péricles de Góis Monteiro, que administrou o Estado no período de 1947 até 1951. Foi exatamente nesta data que o Estado deixou de ser uma zona de silêncio do Brasil. A emissora, que foi apelidada como a “Caçula das Américas”, e teve como prefixo ZYO-4; instalou-se em seu primeiro endereço provisório situado na Rua Pedro

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor Associado III do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: josewagnerribeiro@bol.com.br.

³ Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/Ufal), especialista em Processos Midiáticos e Novas Formas de Sociabilidade pela Ufal (2008), graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (2004), pesquisador assistente da Cátedra/UNESCO Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional desenvolvendo atividades no projeto PENSACOM/BRASIL (Pensamento Comunicacional Brasileiro), membro da Comissão Estadual de Jornalistas em Assessoria de Imprensa de Alagoas (Cejai/AL), secretário executivo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Alagoas (Sindjornal), repórter na Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte de Alagoas (SEE/AL). Professor da Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas (ETA/Ufal) no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego do Ministério da Educação (PRONATEC). E-mails: ricardomoresi@gmail.com ou ricardomoresi@hotmail.com.

Monteiro, nº 108, no Centro de Maceió, onde funcionou o Jardim Infantil Ismar de Góis Monteiro, hoje Centro de Belas Artes de Alagoas (CENARTE). A rádio pioneira do Estado só chegou 25 anos depois da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ser implantada por Roquette Pinto (ZUCOLOTO, 2012, p.13).

Cabe ressaltar que a Difusora foi inaugurada no dia em que se comemoravam os 131 de emancipação política de Alagoas e esta atitude não se deu em virtude de um mero acaso. Carvalho (2008, p.8) descreve que:

Em maio de 1948, o governador foi ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal, visitar seu poderoso irmão Pedro Aurélio de Góis Monteiro, senador por Alagoas e o mais influente general brasileiro entre 1930 e 1950. Segundo testemunhas do encontro, Pedro deu um conselho a Silvestre que soou como ordem: “Rapaz, não é possível que Alagoas continue sendo a zona de silêncio do Brasil. Você precisa de uma emissora de rádio lá, urgente”.

Ao retornar para Alagoas, Silvestre tentou viabilizar a implantação da emissora de rádio, por meio das vias legais, e como não obteve êxito junto à Assembleia Legislativa e Câmara Federal, utilizou a força policial, por meio de Antonio Góes Ribeiro, secretário de Segurança Pública, e do coronel Osman Lopes, comandante da Polícia Militar, para convocar os principais bicheiros da cidade.

Com os contraventores reunidos na sala de despacho do palácio, Silvestre foi curto e grosso: “Preciso instalar uma emissora de rádio em Alagoas, mas os filhos da p... dos deputados estão me negando os recursos. Por isso, preciso que vocês metam a mão no bolso e arranjem a bufunfa” [...] Quinze dias mais tarde, Góes Ribeiro avisava que os bicheiros haviam colaborado. Dinheiro vivo na mão, Silvestre Péricles mandou comprar o transmissor e equipamentos de última geração (CARVALHO, 2008, p.8).

O sonho foi consolidado na solenidade de inauguração, presidida por Silvestre Péricles de Góes Monteiro. Após falar o locutor Josué Júnior, representante dos artistas e funcionários, e Mário Marroquim, primeiro diretor-geral da emissora e amigo do governador; Silvestre inaugurou a Rádio Difusora de Alagoas em um breve discurso.

Há um fato curioso na história da Rádio Difusora de Alagoas, uma vez que ela foi inaugurada de forma irregular, já que não foi criada por meio de uma lei específica. Cabe ressaltar aqui que, no período de 1948 até 1953, as remunerações dos funcionários eram pagas graças aos dividendos arrecadados com os bicheiros que exerciam contravenção na capital do Estado. O marco de legalidade da emissora só se efetivou com a Lei 1.708, de 31

de julho de 1953, que oficializou a Rádio Difusora como autarquia estadual, assinada pelo governador Arnon de Mello, que sucedeu Silvestre.



Silvestre Péricles, de terno branco, na inauguração da Rádio Difusora de Alagoas em 16 de setembro de 1948. Foto: Ascom/IZP.

Alencar (1991, p.39) expõe que Maceió, em 1948, não tinha emissora de rádio, ao contrário da maioria das capitais brasileiras, “os artistas se inquietavam e reclamavam. A situação já se tornara constrangedora pelo atraso da implantação de uma emissora, refletindo-se no próprio governo (sic) do Estado”.



Mário Marroquim discursa na inauguração da Rádio Difusora. Foto: Ascom/IZP.

Já Miranda (s.d., p.17) evidencia que “quem montou, quem plantou a voz alagoana aí, por cima dos muros, das fronteiras do Estado, em meados de 1947 e 1948, trouxe “carinho” de casa para dar uma força ao entusiasmo silvestriano”. Segundo ele:

Alagoas, naqueles tempos, era, talvez, como capital, a única muda, sem voz, sem vez, no éter. Foi preciso uma alavanca para tirar o Estado da incrível excepcionalidade. E, tal alavanca, foi um chefe de governo querer fazer. Fez-se errado, com ou sem verba do jogo, a verdade verdadeira é que muita gente comia e bebia da verba do bicho e, nem osso, sobrava para o Estado. Silvestre mandou fazer tudo certinho. Não fizeram! Está na história da Difusora, também, isso. Os transmissores originais da Difusora levaram mais de 15 anos para serem pagos. E bem poderiam ter sido quitados na época. O que não se sabe é se não foram pagos logo porque, legalmente a emissora não existia, ou em contrapartida se algum sabido caminhou o desvio da verba na sua andança.

Em 1948, ano em que a Difusora foi constituída, o Estado de Alagoas atravessava uma temporada política delicada. O governador Silvestre Péricles colecionava descontentes e um dos seus irmãos articulava o seu impeachment⁴. Carvalho (2008, p.6) explica o ambiente da época:

Logo no início do ano (dia 4 de janeiro), partidários de Silvestre e opositores se enfrentam à bala no povoado da Ilha das Cobras, em Coruripe. O confronto termina com três mortos e cinco feridos graves. No dia seguinte, o governador manda prender arbitrariamente os deputados Joaquim Leão e Mário Guimarães, aos quais acusa de responsáveis pelo confronto. Os parlamentares são postos em liberdade horas depois, mas não sem antes de sofrer brutais ameaças por parte de Silvestre, que lhes teria apontado armas e ameaçado matá-los. Em abril, o ambiente político voltava a se agitar. Na Câmara Federal, o deputado Rui Palmeira denuncia que o governador havia criado o “Exército de Alagoas”, que, segundo ele, era composto por facínoras, assalariados com dinheiro público para calar opositores através de espancamentos e tiros. Ele disse ainda que esse grupo invadia casas de eleitores e mostrava a foto de um homem brutalmente espancado, dizendo: “Esse votou contra o governo!”. Palmeira também afirmou que Silvestre montara uma guarda pessoal constituída por bandidos e conhecida pelo povo como “Gafanhotos”. Em 1º de maio, outro deputado (Hilton Pimentel) denunciava ter sido vítima da truculência silverista.

Fase Áurea da Difusora

Em meados dos anos cinquenta, quando o rádio se destacava como o mais influente meio de comunicação de massa na cena comunicativa, a Rádio Difusora de Alagoas apresentava as radionovelas, que eram prestigiadas por alagoanos de todos os recantos do Estado. Os personagens desses programas eram interpretados por atores, que vieram se juntar ao grupo que já estava formado desde a inauguração da emissora. Entre os quais: Luza de Andrade, Silvia Loreni, Kátia Lanuza, Pádua Moreira, Jesualdo Ribeiro, Marlene Silva, Afonso José, Lucy Miranda, Cavalcanti Barros, Edécio Lopes, Jorge Vilar, Emanuel Rodrigues, Sabino

⁴ É uma expressão inglesa usada para designar a cassação de um chefe do Poder Executivo. Significa também impedimento, impugnação de mandato, retirar do cargo uma autoridade pública do poder Executivo. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/politica/impeachment.htm>> Acesso em 10 de julho de 2015.

Romariz, Danúbio Bezerra, Vilma dos Anjos, Elza Monte Negro, Floracy Cavalcante e Nubia Carvalho. Carvalho (2008, p.14) explica o ambiente da época:

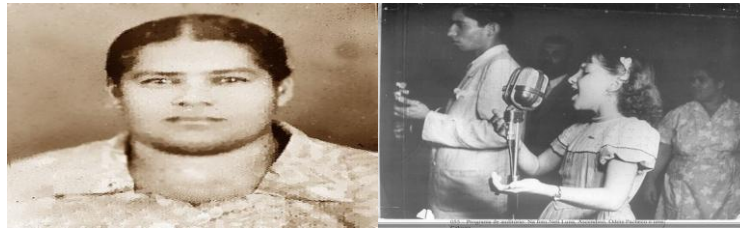
O talentoso paraibano Lima Filho (1902-1961), que hoje dá nome ao Teatro de Bolso de Maceió, era o diretor. Os atores trabalhavam auxiliados por contrarregras e sonoplastas, responsáveis pelas músicas de fundo e pelos ruídos ou movimentos que davam suporte à radiofoniação das histórias. O ex-repórter e, mais tarde diretor geral da Difusora, Cláudio Alencar, que chegou a fazer algumas pontas como ator, lembra que durante o horário nobre (20 e 21h), o público feminino se trancava em casa para acompanhar as radionovelas com a mesma emoção que hoje se acompanha as novelas de televisão. O radialista aponta “Pequetita”, “A Piedosa Mentira”, “Denize”, “Os Quatro Filhos”, “O Filho do Pecado”, “A Princesinha” e “O Homem da Casa Vermelha”, como os maiores sucessos da Difusora em sua época dourada. Ele diz ainda que, naquela época, o movimento de atores, atrizes, cantores, cantoras, pessoal técnico, produtores, sonoplastas, locutores e outros funcionários pelos corredores da emissora em dia de apresentação dos programas ao vivo, congestionava o prédio tal qual acontece hoje nas mais famosas e importantes redes de TV do país.



Equipe de radioatores da Difusora em premiação. Entrega do Prêmio Sobral ao radialista Haroldo Miranda por sua atuação na novela “O Homem da Casa Vermelha”. Nesta imagem vemos Cláudio Alencar, Jorge Amorim e Hebel Ferreira. Foto: Ascom/IZP.

Tão populares quanto às radionovelas eram os programas de auditório, estes, lotados por pessoas das mais diferentes faixas etárias, serviam de espaço para a divulgação dos artistas do Estado. Nesse período havia dois programas de auditórios famosos em toda Maceió e no Estado. O mais famoso programa se chamava “Rádio Variedades”, que possuía um quadro destinado, especialmente, para os calouros. A atração era apresentada por Odete Pacheco, radialista pioneira em Alagoas, que também foi responsável pelos programas “Onde Canta

o Sabiá” e “Cantinho da Saudade”. Outro programa que também se destacou, à época, foi “Vesperal das Senhorinhas”, conduzido por Luis de Barros.



Primeira foto: A pioneira Odete Pacheco, radialista que quebrou tabu, transpôs barreiras e abriu caminho para que outras mulheres entrassem para o rádio. Segunda foto: Odete Pacheco comandando um dos programas de auditório da Difusora (Fotos: Ascom/IZP)

Tavares (1988, p.06) faz um breve relato dos programas de auditório da década de 50 na Rádio Difusora. Segundo ele:

Foi nesta época que apareci no maior programa de auditório de Maceió, “Rádio Variedades”, atrás de uma oportunidade. Era difícil para um jovem iniciante diante de tantos “cobras”, mais fiz o teste com o conjunto Horizonte e fui aprovado. Fui contratado por um ano pelo Café AFA e depois passei para o “cast” de cantores. [...] Relembrando a Difusora me recordo de programas como “Onde Canta o Sabiá”, de Odete Pacheco, e o maravilhoso “Palavras para Você”, de Jesualdo Ribeiro. O programa “Vesperal das Senhorinhas”, nas quintas-feiras, de tarde, os colégios se deslocavam para assistir. O Rádio Variedades, aos domingos à tarde, o auditório era pequeno para acomodar tanta gente. Toda Maceió ligava para ouvir as novelas do radio teatro, com artistas como Zezé de Almeida, Haroldo Miranda, Jesualdo Ribeiro, Cavalcante Barros, Lima Filho, Silvia Loreni, Katia Lanuza, Cláudio Alencar, Afonso José, Florêncio Teixeira e tantos outros. Havia também um programa infantil aos domingos de manhã, o “Clube da Criança”, da professora Enaura Aquino, com muitas brincadeiras, músicas e concurso de Pastoril, no palco, com os partidários do azul e do encarnado. Nos aniversários da rádio a Rua Pedro Monteiro ficava movimentada. Os artistas eram respeitados e queridos do povo. Sinto saudades da época de ouro do rádio alagoano.



Elenco do radioteatro da Difusora, em 1949. No palco-estúdio da emissora, posam para foto histórica os atores Florêncio Teixeira, Sinaí Mesquita, Ezequias Alves, Altair Costa, Jair Amaral, Eunice Pontes, Reinaldo Costa, Haroldo Miranda, C. Cavalcante, Jesualdo Ribeiro e Rosalvo Lima. Foto: Ascom/IZP.



Orquestra ZYO-4, à época, regida pelo maestro Nicacio. Foto: Ascom/IZP



Cantora Neusa Moreno e o radialista Luiz de Barros. Foto: Ascom/IZP



Radioatriz Eunice Pontes. Foto: Ascom/IZP

Ferro e Ramires (2011, p.291) sustentam que a Rádio Difusora de Alagoas é precursora do rádio alagoano; hoje ela é integrante do Instituto Zumbi dos Palmares (IZP) – complexo de comunicação formado pela TV Educativa de Alagoas (TVE), as Rádios Educativa FM em Maceió, Arapiraca e Porto Calvo; Rádio Difusora AM, também na capital, e congrega ainda o Espaço Cultural Linda Mascarenhas (teatro e galeria). Os pesquisadores citam que:

A emissora tem sido testemunha dos principais fatos históricos de Alagoas, do Brasil e do mundo. Pelos seus microfones já passaram importantes jornalistas, locutores e artistas, que marcaram gerações. A emissora funciona durante 24 horas e oferece uma programação variada, que engloba música, jornalismo e cobertura esportiva – com destaque para o futebol, considerado o carro-chefe da emissora. Há expressiva participação popular dos ouvintes através de telefonemas. A rádio foi pioneira nas transmissões de radionovelas, programas de auditório, veiculação de programas esportivos e por dar espaço à mulher no rádio. Em princípio, atendia a todas as classes. Agora, o foco são as classes C, D e E. Seu principal produto é o futebol. Há três programas diários com esta temática. A cada hora é inserido um programa intitulado Difusora Notícias – composto de um noticiário com duração de três minutos. Atualmente, ela utiliza o slogan “Primeiro a Difusora, as outras vieram depois”.

Gaia (2005, p.29) descreve o curso das modificações de endereços da Rádio Difusora. Segundo ela, a emissora passou por quatro endereços até chegar ao de sua sede própria e explica as mudanças:

Além do primeiro, Rua Pedro Monteiro nº 108, Centro, a Difusora se localizou na Praça Marechal Floriano Peixoto, Centro de Maceió, na Avenida Fernandes Lima nº 1047, e na Rua Barão de José Miguel, 400, ambos no bairro do Farol. O segundo endereço, hoje sede do Museu Pierre Chalita, foi residência do senhor Francisco de Assis, do senhor Antônio Machado e da família Nogueira, depois sede do Fomento Agrícola. [...] Com sua transferência para as dependências do Centro de Estudos e Pesquisas Aplicadas (CEPA), ao lado da Rádio Educativa FM e da TVE, instalou-se, naquele terceiro endereço, a sede do IZP. Assim a primeira Rádio AM pública de Alagoas recebe sede nova e une-se às duas emissoras, formando o sistema de comunicação pública de Rádio e Televisão, com localização próxima à administração geral do Instituto.

A Difusora de Hoje

A partir do ano de 2001, com a criação do Instituto Zumbi dos Palmares (IZP), a sede da emissora passou a funcionar na Avenida Fernandes Lima, no complexo que reúne também a TV Educativa de Alagoas, a Rádio Educativa FM e o Espaço Cultural Linda Mascarenhas. Agora integrante do IZP, a popular “Caçula das Américas” deu início a uma nova fase e, desde 2008, funciona 24 horas, sempre buscando se renovar e oferecer programação variada, com ênfase no jornalismo, na cobertura esportiva e na programação musical e de

variedades. A presença na internet pode ser conferida por meio do endereço eletrônico <http://www.izp.al.gov.br/difusora-am>.

Em 2010 a emissora adquiriu um transmissor de 15 mil Watts de potência e transmite atualmente a sua programação para as várias regiões do Estado. E nas externas, com a utilização de Codec de Áudio, as transmissões ganharam qualidade de som de estúdio, mesmo quando feitas em lugares ou municípios distantes. Atuam na programação da Difusora profissionais mais experientes e novos nomes do rádio alagoano.

No segmento de radiojornalismo, a Difusora tem obtido espaço e ganho destaque em premiações do jornalismo alagoano e nacional. A emissora conquistou o Prêmio Radialista Odete Pacheco (2008/2009/2011/2012/2014), o Prêmio Braskem de Jornalismo (2011/2012/2013/2014), o Prêmio SEBRAE de Jornalismo (2012/2013/2014), Prêmio Nacional Allianz Seguros de Jornalismo - conquista nacional obtida em disputa com emissoras de rádio públicas e privadas de todo o País (2012), Troféu Microfone de Ouro (2013), Prêmio Octávio Brandão de Jornalismo Ambiental (2014), Prêmio Braskem de Segurança e Saúde do Trabalho (2014) e Prêmio Banco do Nordeste de Jornalismo (2014).

As premiações recebidas nos últimos sete anos e o pouco investimento governamental não mudam à história da emissora que, mesmo tendo ingressado no panorama do rádio brasileiro de forma atrasada, conserva ainda hoje o seu caráter pioneiro no Estado em seu slogan: “Primeiro a Difusora, as outras vieram depois”.

Após quase 67 anos de atuação em Alagoas, o rádio continua a servir como meio de informação, entretenimento e, também, de manutenção do poder. O veículo faz parte do sistema de comunicação social de um povo e uma de suas principais características é servir como reproduzidor dos costumes, crenças, interesses, história, tradições e dos valores dos habitantes de uma determinada região.

Considerações Finais

A intenção dos pesquisadores/autores, na construção desse trabalho, foi contribuir para uma possível criação de um mutirão intelectual capaz inventariar a mídia radiofônica caeté e, num futuro próximo, o Panorama da História dos Meios de Comunicação em Alagoas. E nesse trajeto, fizemos a opção de escolher, inicialmente, os acontecimentos referentes à

Rádio Difusora de Alagoas apostando num possível término da desatenção em relação à memória radiofônica alagoana e, conseqüentemente, para ajudar as novas gerações de profissionais sobre a trajetória desse veículo no cenário local.

Uma vez que ainda não há limite que regulamente a qualidade no rádio, os “donos das concessões” prosseguem aproveitando-o para beneficiamento pessoal e político. O veículo continua a se fortalecer por ser portátil, estar inserido nos automóveis produzidos e comercializados no país, possuir preço acessível, transmitir informações no momento em que as mesmas acontecem e obter forte penetração doméstica.

Por tudo isso, o rádio tem ajudado a conservar no poder aqueles que persuadem a população por meio de suas ondas sonoras. Diante desses fatos, existe o imperativo de se adotar outro modelo brasileiro às concessões públicas de rádio. Esse novo protótipo precisa criar regras adequadas para evitar a perpetuação da exploração desses veículos pelos políticos e carece promover o pluralismo de conteúdo e a conseqüente democratização midiática no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cláudio. **Contando histórias**. Maceió, Sergasa, 1991.

CARVALHO, João Marcos. Silvestre Péricles: o governador e sua rádio. **Radioativa**, Maceió, n.1, p.8, dez. 2008.

FERRO, Ricardo José Oliveira; RAMIRES, Lídia Maria Marinho da Pureza. Panorama do rádio em Maceió. In: Nair Prata. (Org.). **Panorama do Rádio no Brasil**. 01ed. Florianópolis: Editora Insular, 2011, v. 01, p. 285-301.

GAIA, Rossana (Org.). **IZP: comunicação a serviço do cidadão**. Maceió: IZP, 2005. v. 1. 113p.

MIRANDA, Haroldo. **Antigamente Difusora Era Assim**. Maceió, s.e., s.d.

TAVARES, Expedito. A Época de Ouro da Difusora. In: **Difusora 40 anos**, Coleção Comunicação Popular. Maceió: Sergasa, 1988, v.04, p.6-7.

ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.